

até comprava
o teu amor

mas não sei em que
moeda se faz esta
transacção

este espectáculo:
é sobre o amor
é sobre histórias autobiográficas
é sobre ficções
é dentro de quartos,
na intimidade de uma história por quarto
é sobre cidades onde as histórias se passaram
é sobre acreditarmos, como o Mário Cesariny
dizia, que
"O AMOR REDIME O MUNDO [diziam eles]
Mas onde está o mundo senão aqui?"

este espectáculo constrói-se a partir de entrevistas a cada um dos actores, na ligação entre autobiografia e ficção, e um quarto fechado, trazendo a cidade para dentro de casa e trazendo-nos a nós – e pondo tudo à vista.

"este eterno trabalho de dadores de sangue
é o que mais nos defende do massacre" (ainda o
Mário Cesariny, em "um canto telegráfico")

Este livro contém o texto do espectáculo homónimo, estreado pelo Teatro do Vestido em Março de 2014 no Palacete Pinto Leite, no Porto, numa co-produção com o Teatro Nacional de São João (TNSJ). O texto foi escrito e compilado por Joana Craveiro em estreita colaboração e co-criação com os actores do espectáculo: Daniel Pinto, João Paulo Serafim, Miguel Bonneville, Rosinda Costa, Simon Frankel, Tânia Guerreiro e Victor Hugo Pontes. Os textos do programa, também publicados neste livro, foram escritos por Joana Craveiro e as ilustrações são de João Tuna.

Todos os textos deste livro estão escritos de acordo com a antiga ortografia.

até comprava
o teu amor

mas não sei em que
moeda se faz esta
transacção

(Luz dentro do casaco)

É complicado. É como querer fotografar um objecto que só está iluminado de vez em quando, nunca se consegue o foco certo, porque no momento em que vamos fotografar, a luz desaparece *(desliga luz)*.

Ele sempre achou curioso que as primeiras fotografias que existem fossem na verdade da fachada da casa onde ele nasceu *(foto #1 – Cascais, 1976)*, e até mesmo antes de nascer *(foto #2 'Para recordar' e #3 '10 dias antes de ele nascer')*. Ou seja, não são fotografias do interior – do quarto dele, por exemplo. É sempre de fora, do exterior das coisas.

Os primeiros cinco anos são complicados e há muito pouco... palpável... na memória dele... fragmentos. Aquele choque traumático aos 5 anos fez com que ele passasse o resto da vida a tentar reconstituir este puzzle – a casa em Linda-a-Velha *(foto #4)*, pais temporariamente separados, não sabe porquê; ele, bebé, numa das casas *(foto #5)*; a mãe em convalescença, 'De regresso a casa' depois de o ter *(foto #6)*; ele, num miradouro algures não sabem quando *(foto #7)*, ele na mesma altura, num outro lugar – não sabe onde *(foto #8)*.

É no entanto, apesar dos espaços em branco, das datas e lugares omissos e de uma certa

névoa que o acompanha sempre – esta é uma tentativa de reconstituição.

Cascais, 1976. É onde começa. Mas há uma casa anterior na Parede, 1975 (*foto #9*). E há esta cadeira ainda, e esta posição sentado... (*tenta posição*) (*desliga luz*).

(*Intromissão da realidade*):

Porto, 3 de Março de 2014.

Saio para a cidade em busca de histórias de amor, que é na verdade uma busca de mim próprio neste voyeurismo de quem não conhece bem a sua própria história. Sinto-me incompleto, hoje especialmente, amanheci assim. Entro num café para beber um pingó. Reparo que atrás de mim há um casal.

Observo-os sem que me vejam. Ele tira os óculos e pousa-os, incomodado com qualquer coisa que tem no olhar. E ela, num gesto cheio de ternura, tira-lhe uma ramela que ele tem agarrada à pestana. Ele volta a colocar os óculos e olha-a com ternura e gratidão. Não se beijam, pelo menos não ainda. Saio do café.

(*black out*)

Aqui, já estamos no Porto (*levanta um lençol, debaixo do qual há objectos; abre portadas e vêem-se plantas ao longo do chão*). **Mas isto não é daqui... é anterior – a minha mãe adorava cactos, e plantas, acho, há uma fotografia...** (*foto #10*). **Mas, desculpem, já estávamos no Porto e voltei atrás sem necessidade – Porto, 1980. Casa da tia, que vai ser a mãe dele – não é oficial – é um pedido da mãe dele antes de... Aqui, ele partilha o quarto com o primo, militar, o ídolo dele. Ele não se recorda de ter estado doente, mas há uma fotografia dele doente nesse quarto** (*foto #11*), **e ele acha que se recorda desta colcha tipo de retalhos, mas não é certo – na verdade, talvez ele se recorde da fotografia – só.**

(fechar portada)

Em choque, iria passar os próximos 8 anos em revolta. Nasce um meio irmão em Lisboa. Ele regressa ao Porto – a cidade dele até hoje. Passa um ano em casa da avó – a matriarca – há uma fotografia dela, mas é anterior (*foto #12*). **Levanta-lhe uma colher de pau – ele não se lembra, mas contaram-lhe – vai para o colégio interno. É um quarto com seis camas de ferro, grande - de 4 metros por 6 - tem seis armários, a porta fica exactamente a meio de uma das paredes - é uma porta quase de biblioteca de escola, a porta tem uma janela para que quem está no corredor possa ver as seis camas. Tem três janelas a 3 metros de altura. Não abrem. É um quarto andar. O chão**

é de tacos, alguns estão soltos. Os colchões são todos iguais, bem como os lençóis e os cobertores – são daqueles cinzentos com uma tirinha branca e amarela. Ele partilha o quarto com mais cinco rapazes. Às vezes, ele tem saudades deste quarto (*embrulha-se num cobertor do colégio*).

A partir daqui, dormiu em todas as casas e quartos dos diferentes familiares e em diferentes colégios também. 30 casas. 19 escolas. E as memórias de pequenos momentos e pormenores, só.

(Intromissão da realidade):

Porto, 4 de Março de 2014

pelas 11 horas da manhã. Ele senta-se a uma mesa de um café com ela e ambos lêem os jornais da manhã, ele deixando que ela escolha os suplementos que mais gosta. Decidem o que comer. Ele pede um queque e deixa que ela coma metade, sabendo que este era o bolo que ela queria comer mas que não teria coragem de o pedir para ela sozinha. Ele nem sequer gosta muito de queque.

Ah, este quarto. Este foi o primeiro quarto da sua 'independência'. É debaixo de um vão de escada, numa pensão, tem cerca de